



A comemoração do massacre de Kuruyuki entre os Guarani na Bolívia

Wildes Souza Andrade

Universidade de Brasília - UnB
e-mail: wildesandrade@gmail.com

Resumo

Este artigo é um estudo etnográfico sobre a comemoração do massacre de Kuruyuki entre os povos falantes da língua guarani na Bolívia, que faz parte da dissertação de mestrado em Ciências Sociais defendida em 2014 no CEPPAC/UnB. Essa comemoração é um evento indígena anual produzido desde 1992 pela Asamblea del Pueblo Guaraní (APG); organização política nacional Guarani na Bolívia que articula diferentes assembleias regionais desse povo. Mostro que a APG, numa tentativa de construção de uma unidade guarani, aposta em uma identidade étnica de expressão nacionalista – em termos de símbolos como bandeira, datas comemorativas, heróis e hino nacionais indígenas. Neste artigo procuro compreender a produção cultural da comemoração de Kuruyuki, bem como todo o processo de construção de uma consciência nacional guarani enquanto estratégia de estabelecimento de uma linguagem compreensível aos não-indígenas e que visibiliza a APG em um contexto mais amplo.

Palavras-chave: guarani, comemoração indígena, reelaboração cultural.

Resumen

Este artículo es un estudio etnográfico sobre la conmemoración de la masacre de Kuruyuki entre los pueblos hablantes de la lengua guaraní en Bolivia, que hace parte de la tesis de maestría en Ciencias Sociales defendida en 2014 en el CEPPAC / UnB. Esta conmemoración es un evento indígena anual producido desde 1992 por la Asamblea del Pueblo Guaraní (APG); organización política nacional Guaraní en Bolivia que articula diferentes asambleas regionales de ese pueblo. Apunto que la APG, en el intento de construir una unidad guaraní, apuesta en una identidad étnica de expresión nacionalista en términos de símbolos como bandera, fechas conmemorativas, héroes e himno nacionales indígenas. En este artículo procuro comprender la producción cultural de la conmemoración de Kuruyuki, así como todo el proceso de construcción de una conciencia nacional guaraní como estrategia de establecimiento de un lenguaje comprensible a los no indígenas y que visibiliza a la APG en un contexto más amplio.

Palabras clave: guaraní, conmemoración indígena, reelaboración cultural.

Introdução

Este artigo é um estudo etnográfico sobre a comemoração do massacre de Kuruyuki entre os povos falantes da língua guarani na Bolívia, objeto de pesquisa de dissertação de mestrado em Ciências Sociais defendida no CEPPAC/UnB (ANDRADE, 2014). Essa comemoração é um evento indígena anual produzido desde 1992 pela *Asamblea del Pueblo Guaraní* (APG), organização política nacional desses indígenas na Bolívia, que articula

diferentes assembleias regionais guarani. Defendo que essa organização central aposta em uma identidade étnica de expressão nacionalista. Defendo aqui que para o movimento guarani na Bolívia, expressar-se em termos nacionais, com datas comemorativas, bandeira, hino, intelectuais etc., é uma forma de se configurarem como sujeitos políticos autonomistas e em relação ao Estado, sem que isso implique necessariamente desejo de construir um Estado guarani, ao menos até o presente etnográfico¹. Apesar de esse processo se apropriar estrategicamente de um idioma político eurocêntrico – nação, direitos, cultura –, ele busca iniciativas de desenvolvimento descentralizadas e uma consciência anticolonialista. Por fim, o que se pretende, é endossar o enfoque que defende que os indígenas desempenham(ram) papel ativo diante das imposições coloniais e republicanas, até mesmo em condições de extrema violência e abusos, como é o caso do massacre de Kuruyuki, agora comemorado.

Povos indígenas falantes de guarani na Bolívia

Os guaranis são um dos povos mais conhecidos da história das Américas. Na Bolívia, é o mais numeroso depois dos quéchuas e aimarás. No período colonial, foi um dos principais obstáculos que os espanhóis enfrentaram para invadir a região do Chaco. Proveniente do tronco linguístico tupi-guarani do Amazonas, se dispersou pela América do Sul entre os séculos XV e XVI, estando presente, atualmente, no Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina.

A maioria das comunidades guaranis no território boliviano é descrita como chiriguano. Às vezes, ainda, o termo chiriguano cede lugar às denominações de seus subgrupos regionais: os izoceño, avá e simbá. Chiriguano é uma categoria pejorativa, que é mais usada por pessoas fora do grupo. Atualmente, esse povo se autodenomina guarani - a comemoração do massacre de Kuruyuki é uma das expressões do emergente processo de guaranização de povos indígenas na região – conforme veremos no desenvolvimento deste artigo (COMBÈS; VILLAR, 2007).

Tradicionalmente, o *nãnderekó* – modo de ser – dos guaranis é caracterizado pela reciprocidade, princípio que rege a convivência cotidiana. A economia de reciprocidade se manifesta de modo pleno nas festas. Além da festa cívica de comemoração do massacre de Kuruyuki, os

¹ O trabalho de campo para desenvolvimento da pesquisa foi realizado em aproximadamente dois meses descontínuos, no ano de 2013. Na ocasião, além de bolsista de mestrado da CAPES, contei com auxílio financeiro CNPq, no âmbito do projeto *Povos Indígenas, Estados Nacionais e Indigenismo em perspectiva comparada*, coordenado pelo Prof. Dr. Cristhian Teófilo da Silva, orientador da dissertação de mestrado.

guaranis solenizam o *Arete Guasu*, literalmente a “festa grande”. Esta é uma festa típica de celebração da colheita do milho e do fim do ano agrícola. Com a colonização, por influência dos missionários jesuítas, a festa foi adaptada ao calendário cristão e a partir de então é conhecida como a festa de carnaval guarani (MELIÁ, 1997).

Os guaranis foram retratados na literatura antropológica como um dos povos mais importantes das Américas, em termos de resistência à colonização. Eles conseguiram conter vários séculos de constante pressão simbólica e física que visavam roubar seu território. Inclusive, nesse contexto, devido à belicosidade guarani, a Coroa espanhola chegou a declarar guerra a esse povo. No período histórico anterior ao colonial, o enfrentamento guarani em defesa de seu território foi responsável por barrar a expansão imperialista inca para o sul da América do Sul, tradicionalmente território guarani. Assim, fronteira e mestiçagem são duas características que marcam fortemente os chiriguanos, variação étnica guarani na Bolívia.

Apesar da resistência à administração espanhola, os guaranis acabaram reduzidos. Primeiramente, pelo empreendimento missionário franciscano e jesuítico e pelos donos de terras espanhóis. Depois, já durante o período republicano, os *criollos* invadiram o território guarani para criação de gado. De acordo com Combés (2005a, p. 240), “más que por las armas fue por vaca (la instalación progresiva de los colonos y de las haciendas) que se conquistó tardíamente, la Cordillera chiriguana”.

Além das missões e dos fazendeiros, o Estado também se encarregou de tomar as terras indígenas. O exército daquele país massacrou milhares de guaranis só em Kuruyuki, um dentre inúmeros outros enfrentamentos. O Estado da Bolívia perdeu várias guerras para outros países (Guerra do Pacífico, Guerra do Chaco), mas ganhou diversas sobre seus povos indígenas (Karitati, Yuki, Murukuyati e Kuruyuki, só entre os guaranis). Deve-se lembrar de outra particularidade étnica dos chiriguano: em razão da permanente fronteira, a prática belicosa é uma constante na história desse povo. Mesmo antes da invasão europeia, os chiriguanos lutavam contra outros povos, ora formavam alianças, além de constantes guerras intergrupais (PIFARRÉ, 1992).

Proveniente de áreas geográficas do Paraguai, do nordeste argentino e do sul do Brasil, os guaranis se dispersaram pelo que atualmente é o território boliviano. Segundo Meliá (1988), a ocupação guarani na Cordilheira boliviana é anterior à chegada dos europeus. Várias são as explicações para a migração desse povo. Primeiramente, registros arqueológicos sinalizam

que os guaranis, por conta da demanda de solos específicos para sua prática agrícola, necessitavam frequentemente de novas bases econômicas. Contudo, essa hipótese foi derrubada, pois a região do Chaco é árida. Com isso, Metraux (1939) esboça outra explicação. Diz-nos que os guaranis se moveram em busca de minérios que serviam como moeda de trocas. Essa segunda versão também é questionada, pois naturaliza a expansão territorial associando-a ao “avanço” econômico, perspectiva capitalista.

Assim, talvez a versão mais recorrente e aceita na literatura é a sustentada pela própria teoria guarani. Esta visão defende a migração guarani a partir da constante busca pela Terra Sem Mal, isto é, a procura por terras produtivas para agricultura e, mais tarde, fugindo da sociedade ocidental devido a suas frentes de expansão econômicas e conflitos armados inerentes ao processo de colonização.

A teoria guarani da Terra Sem Mal, *iva mareĩ*, explica sua tradicional relação com o território, justificando, assim, sua persistente resistência às ofensivas coloniais. Para os guaranis, seus territórios estão intimamente relacionados às suas cosmologias, à sua produção e, conseqüentemente, às suas relações de reciprocidade, três características fundamentais para compreender a cultura guarani.

Como já mencionado, a literatura etnológica acredita em duas frentes geográficas de penetração guarani no que hoje é a Bolívia. Uma, a partir da Chiquitania, região brasileira do Estado de Mato Grosso, outra a partir do Chaco da província de Tarija, próximo à região da fronteira com o Paraguai e Argentina. Isso explica as diferenças culturais, de dialetos e da língua guarani existentes entre esse povo na Bolívia. Aqui, é importante sinalizar o que o leitor já tenha percebido neste texto, “guarani” é uma categoria genérica que abarca diferentes aspectos etnológicos (chané, isoseño, avá), que, frequentemente, são contraditórios e conflitantes. No entanto, como este artigo tem como objeto a construção de uma “nação guarani”, é a partir deste termo identitário que desenvolvo a pesquisa. Além do mais, os próprios em vez de se autodenominarem chiriguano, eles preferem guarani.

A história do povo chiriguano aponta que ele fora responsável por dominar os chané, que são da família linguística arawak. Estes se constituíram como vítimas do canibalismo ritual, e também do que Combès (2005b) chama de canibalismo social. Esta categoria pretendia dar conta do processo de guaranização da língua e dos costumes chané. Todavia, observa-se um processo inverso, em que os guaranis também incorporaram práticas e elementos culturais dos chanés, a exemplo de algumas máscaras do carnaval guarani.

Ainda, segundo Combès (2005b), houve a incorporação da estrutura de organização social assimétrica chané, se distinguindo claramente entre “chiriguanos”, autodenominados de avá e, por outro lado, os escravos, os chanés que eram denominados de *tapii* o *tapuy*. Nesse sentido, os guaranis ocuparam a posição da antiga elite chané. Adotaram uma estrutura hierárquica prévia, porém em prol dos objetivos guaranis (COMBÈS, 2005b, p. 60). Assim, para os avá-guarani, os chanés eram subservientes, diferentes deles, que eram selvagens.

Nesse sentido, o povo que atualmente se autodenomina guarani na Bolívia é resultado de constantes migrações e misturas realizadas, obviamente, desde antes da invasão europeia, em um espaço de permanente fronteira cultural. A razão dessa mobilidade constituiu um dos aspectos mais evidentes da cultura guarani.

Além da concepção de *iva mareí*, Terra sem Mal, *nãnderékó* é outra ideia importante para compreender a teoria guarani. Essa, nos diz acerca dos “autênticos” (de acordo com eles mesmos) aspectos culturais guaranis, isto é, sua *forma de ser* no mundo. Esses dois princípios éticos guaranis se interceptam porque a terra boa para se viver, produtiva e tranquila é onde os guaranis podem viver em plenitude, de acordo com seu *nãnderékó*. Nesse sentido, as noções de terra e território guaranis estão vinculadas diretamente aos seus aspectos produtivos, a preservação do meio ambiente, bem como a manutenção de uma identificação comum. Para Albó (2009), os guaranis imprimem um profundo significado da ideia de território na sua cultura.

Es mucho más que la tierra para cultivo y/o pastoreo. Puede referirse también a esto pero implica además todo un conjunto que abarca bosques, vertientes, ríos, flora y fauna de los que se vive, con los que se convive y por los que se va transitando (idem, p.13).

A profunda relação que os guaranis estabeleceram com seus territórios fez com que estes lutassem contra colonizadores espanhóis, fazendeiros mestiços. Em 1825, com a constituição da República da Bolívia, a situação não mudou. Nesse contexto político, o Estado, com respaldo militar republicano, permitiu que os fazendeiros expandissem suas fronteiras econômicas invadindo o território guarani. Assim, durante o século XIX, foram quatro batalhas em que os guaranis lutaram contra os invasores: Karitati (1840), Yuki (1874–1875), Murukuyati (1877) e, finalmente, Kuruyuki (1892). Assim, com a República, a população guarani reduziu consideravelmente (MORÓN, 2008).

Kuruyuki é um importante acontecimento na história guarani. Os fazendeiros, aliados aos militares, massacraram mil indígenas e seu líder messiânico Apiaguaiqui Tumpa.

Las consecuencias de la perdida de la última batalla, generó la servidumbre y esclavitud, donde, los hijos de los santiguos Iya (dueños) de ese gran territorio pasaron a ser Tembiokuai o Tembiau (siervos o esclavos) de los que se adueñaron de sus tierras, entre los cuales se repartieron a los hombres, mujeres entre niños, jóvenes y ancianos que tomaron prisioneros en las comunidades. Por lo que se produjo la desarticulación del espacio ocupado tradicionalmente por los guaraníes, es decir, los grandes Téta Guasu desaparecieron y empezó un largo siglo de sometimiento (MINISTERIO DE LA PRESIDENCIA DE BOLIVIA, 2010, p. 22).

Em consequência do aniquilamento em Kuruyuki, os guaranis foram invisibilizados na esfera política nacional. Mesmo com os obstáculos em relação à sua reprodução cultural e ao seu “adormecimento” político, continuaram conscientes do seu pertencimento étnico. Assim como recordam das lutas coloniais contra os espanhóis, que, inclusive, demarcam suas diferenças em relação à sociedade nacional. Nesse sentido, a ideia de reelaboração político-cultural é mais pertinente para entender o “despertar” guarani a partir do fim da década de 1980, quando identificamos um contexto político nacional e internacional de afirmação e reconhecimento dos povos indígenas nas Américas. Sobre as razões da primeira comemoração, Pifarré (1992, p. 5) nos diz que os guaranis “se mostraron como un pueblo que de nuevo levanta cabeza y que quiere un rol protagónico *en la vida económica y política* de Bolivia”.

Ainda, deve-se considerar que nessas décadas, na Bolívia, as identidades indígenas perderam a centralidade em relação aos movimentos operários e sindicais. De modo que, esses sujeitos mesmo se considerando indígenas, se identificam antes, como operários ou camponeses.

Em 1980, quase cem anos depois da vitória *karaí*, os povos das terras baixas, de modo geral, começaram a regressar às suas terras, reconstruindo suas bases produtivas e suas organizações políticas. Com o respaldo de ONGs, de instituições da Igreja Católica como Centro de Investigación y Promoción del Campesinado (CIPCA) e de lideranças regionais em favor da questão indígena, constitui-se, sob liderança guarani, a *Confederación de Pueblos Indígenas del Oriente Boliviano* (CIDOB), um representante nacional legítimo do movimento indígena das terras baixas bolivianas (LINERA,

2010). Sete anos mais tarde, surge a APG, e em 1992 ela realiza a primeira comemoração do massacre de Kuruyuki, evento que projeta a organização nacionalmente.

A primeira comemoração de Kuruyuki em 1992

A primeira comemoração de Kuruyuki, dia 28 de janeiro de 1992, contou com guaranis de distintas comunidades e capitânias. O evento foi precedido de uma grande marcha do município de Gutiérrez, na província de Cordillera do departamento de Santa Cruz, até a comunidade de Kuruyuki no município de *Macharetí* no departamento de Chuquisaca, totalizando aproximadamente 130 quilômetros. Esse evento, organizado pela APG e por instituições locais de desenvolvimento, além das ONGs e da Igreja Católica, teve vários discursos de autoridades políticas do Estado da Bolívia e de lideranças guaranis, sendo que muitos deles aludiam à solidariedade e unidade dos guaranis e investiam na educação como novo e principal instrumento de luta desse povo. Inclusive, foi lançado na ocasião um programa de EIB – *Educación Intercultural Bilingüe*. Dentre vários letrados que apareceram na multidão, destacou-se o seguinte: *Muertos de Kuruyuki, surjan de sus trincheras, marchen con nosotros hacia la Tierra sin Mal*.

Desde 1992 os guaranis se reúnem em Kuruyuki para comemorar o massacre do fim do século XIX. A comemoração – além de ser uma grande festa na qual familiares e amigos se encontram para conversar, dançar, beber *chicha de maíz* – é um encontro político, momento para anúncio pública de demandas, de benfeitorias, de projetos etc. Em 1992, por exemplo, na homenagem ao centenário do massacre de Kuruyuki, como acabei de mencionar, foi implantada a campanha de alfabetização bilíngue promovida pela APG e pela *Teko* Guaraní, sendo que essa cumpre até os dias atuais importante papel no programa de educação intercultural e bilíngue entre os guaranis.

Na localidade de Kuruyuki fizeram uma solenidade de inauguração da instalação, na praça central, de uma placa de metal em memória aos guaranis mortos no massacre. Posteriormente, se concentraram nas proximidades das trincheiras em Kuruyuki, onde foram extraídos os restos ósseos dos guaranis mortos no massacre, sendo depositados em recipientes de cerâmicas para serem transportados até o Cemitério de Ivo, onde haviam preparado um ossuário, específico para aqueles ossos. Os ossos foram retirados das trincheiras e preparados antes da celebração, cabendo as lideranças procurar e selecionar os ossos mais adequados à exposição na comemoração. Logo após uma missa celebrada pelo bispo Juan Pellegrini, transportaram os ossos para o ossuário no Cemitério de Ivo.

Não existe um consenso em relação ao número de pessoas presentes na primeira comemoração. Segundo periódicos nacionais que noticiaram a primeira celebração, aproximadamente seis a sete mil pessoas assistiram ao evento, caracterizando uma mobilização robusta por se tratar da primeira edição. Já Pifarré (1992) registra cinco mil participantes.

Em conversa informal com Antonio Mendez, ancião guarani um dos meus principais interlocutores, me contou sobre sua participação na grande marcha que antecedeu a primeira comemoração de Kuruyuki, em 1992. Ele, juntamente com centena de outros guaranis de diferentes comunidades – na época, Mendez era professor em Isoso – iniciaram caminhada em dez dias de antecedência do evento. Ademais da grande dimensão comunitária da marcha, ele foi um grande encontro entre comunidades que até então não se conheciam. Mendez me falou, por exemplo, que poucas vezes os guaranis de Isoso interagiam com os de Charagua.

A marcha foi organizada fundamentalmente com atuação da CIPCA dos jesuítas e das lideranças locais mobilizando as comunidades. O primeiro ponto de aglomeração de partida da marcha deu-se no cruzamento da linha férrea em Gutierrez com a *Ruta 9*, 79 km norte de Camiri, onde os guaranis se concentraram com outros para então seguir até Ivo e Kuruyuki. De acordo com Mendez, entre os participantes, além de homens adultos, havia muitas mulheres e crianças.

Por último, sobre 1992, é importante destacar que a primeira comemoração de Kuruyuki oficializou abertamente a criação da APG como organização matriz dos guaranis na Bolívia. Na ocasião, foram apresentados a lideranças que compunham a diretiva da organização nacional e as lideranças das assembleias regionais que estavam alinhados ao discurso de uma “nação guarani” na Bolívia.

A programação da celebração do massacre de Kuruyuki, algumas vezes, é distribuída entre os dias 26, 27 e 28 de janeiro de cada ano. Não é um evento de apenas um dia, lideranças e familiares veem de longe para um encontro que além de político, é festivo em sentido mais comunitário. O encontro começa com a chegada de cada uma das delegações guaranis, provenientes de diferentes regiões. Nas últimas festas, a presença do presidente Evo Morales, no ato central da programação política, foi considerada um dos momentos com maior repercussão entre os guaranis e convidados. A APG tem recebido apoio do governo Evo Morales, contudo outro setor dessa organização está vinculado ao governo departamental de Santa Cruz, oposição do governo nacional.

A comemoração realizada, no ano anterior, realizada em memória aos 120 anos do massacre, por se tratar de um número “redondo”, mais expressivo – tal celebração se configurou como uma das mais movimentadas, depois da primeira de 1992. Além do mais, as primeiras décadas de 2000 formam marcadas por movimentos indígenas latino-americanos de reação às celebrações dos “500 anos de Descobrimento” promovidas pelos Estados americanos. Em 2012, a programação do evento foi iniciada com os campeonatos esportivos durante o primeiro dia, sendo que a noite desse dia foi movimentada por variadas atividades artísticas. No segundo dia, dentre outros compromissos, ocorreram: a apresentação da história dramatizada sobre Kuruyuki representada por crianças da comunidade de *Laurele Tenta Piau* das Capitânicas de *Kereimba Renda* e *Huacareta*, a exibição de vídeos produzidos pela *Teko* Guarani e, paralelamente ao conjunto de atividades propostas, decorria uma exposição de artesanatos, documentos e comidas típicas dos guaranis. O último dia foi reservado para a agenda formal, isto é, os discursos dos representantes da APG e do Estado Plurinacional da Bolívia, dentre eles, a fala do presidente Evo Morales para encerrar o ato. (ASAMBLEA DEL PUEBLO GUARANI, 2012).

A comemoração de 2013

Particpei da comemoração específica desse ano. Cheguei pela primeira vez em Camiri no fim da tarde do domingo, 27. Instalei-me em um hotel perto da praça da cidade, posteriormente, me encontrei com Antonio Mendez, que me recebeu com bastante entusiasmo, talvez por ter sido apresentado por Isabelle Combès, antropóloga francesa que trabalhou com ele em Isoso. Tivemos uma primeira conversa por horas na praça, ao final, combinamos de ele passar no hotel em que eu estava, às 5h30 da manhã do outro dia, 28, para irmos ao evento.

Nesse dia, nos encontramos no horário marcado, pegamos um táxi e fomos até a sede da APG, de onde às 6h sairia um micro-ônibus em função do evento. Na porta da APG Nacional, esperamos por cerca de uma hora o transporte, juntamente com dezenas de guaranis. Foi quando Antonio apresentou algumas lideranças. Dentre estes, conheci o então presidente da APG Faustino Flores (2009–2013). Ele estava muito atarefado com os preparativos do evento e, a princípio, não pode me dar atenção, até o momento em que Antonio disse que eu era brasileiro. Na verdade, Antonio me apresentou detalhadamente, dizendo que eu era um pesquisador brasileiro e que gostaria de acompanhar Kuruyuki para estudo e, posteriormente, conversar com mais tranquilidade sobre meu projeto de pesquisa com lideranças da APG. Das palavras de Antonio sobre mim,

Faustino se ateu ao fato de eu ser brasileiro, pois também havia outras pessoas na roda a quem Faustino dispensava atenção. Tradicionalmente, convidam representantes guaranis do Paraguai, Argentina e Brasil para participarem de Kuruyuki. Como em outros anos, havia lideranças indígenas dos dois primeiros países, porém ninguém do Brasil. Sabendo minha nacionalidade, Faustino me chamou reservadamente, questionou se eu era guarani, eu neguei. Mesmo assim, ele me convidou a fazer um pronunciamento "*en nombre de los hermanos guaraníes de Brasil*". Recusei, explicando que não achava sensato. Com isso, ele infelizmente encerrou a conversa e voltou para a conversa com outras lideranças. Não demorou e o micro-ônibus chegou para irmos a Ivo, contudo as principais lideranças partiram em uma caminhonete 4x4. Passei todo o caminho conversando com Antonio sobre o mundo guarani, com isso percebi que ele tinha uma noção apurada do trabalho dos antropólogos entre eles. Ele me disse que já acompanhou muitos antropólogos em trabalho de campo por todo o território guarani, sobretudo em Isoso, sua terra.

Durante a ida até Ivo, Antonio também me explicou seu envolvimento com Kuruyuki, ele participou da organização da marcha em 1992. Contou que na primeira celebração muitos guaranis foram pela primeira vez em Camiri e na região de Ivo. Já outras pessoas ou famílias aproveitaram a viagem para rever parentes e amigos.

Saímos ao sul de Camiri através da *Ruta 9*. Depois de 1h na rodovia asfaltada, percorrendo 58 km cercado por uma vegetação verdejante e rios completamente secos, atravessamos a ponte sobre o rio *Cuevo*, entramos à direita em uma estrada de chão. Logo atravessamos a comunidade de Kuruyuki, em seguida, chegamos a Ivo, município de Macharreti, departamento de Chuquisaca. As duas comunidades são bem próximas, cerca de 10 minutos caminhando.

Assim que chegamos em Ivo, às 9h30min, caminhamos pelas principais ruas e chegamos à parte central onde está o salão de festas, o palanque e o campo para o público. Depois de conhecer a escola indígena, o posto de saúde e a igreja, fomos à casa de Lorenzo, um amigo de Antonio. Lorenzo é capitão e agricultor na região.

Durante o ritual de Kuruyuki os elementos do cotidiano da comunidade de Ivo se reconfiguram, recriando universos sociais e simbólicos. Os residentes do lugar são os anfitriões dos guaranis de outras localidades. Barracas são instaladas nas áreas públicas para pernoite de algumas pessoas. Ademais, a dimensão comunitária da alimentação é potencializada, uma vez que os anfitriões se responsabilizam pela comida

servida. Na casa de Lorenzo, sua esposa Judith lidera o preparo do milho e das batatas entre outras mulheres, no interior da casinha de pau a pique desconexa da outra parte que servia como dormitório. Já na parte externa, um grupo de homens assava carne de gado doado pelo deputado guarani Efraín Balderas Chávez, que foi presidente do *Consejo de Capitanes Guaraníes de Chuquisaca* (CCCH) de 2001 a 2006. Outras lideranças guaranis da APG se elegeram parlamentares. É o caso do também deputado Wilson Changaray Taborga, que antes era presidente da APG Nacional, de 2005 a 2009.

No dia anterior, 27 de janeiro, a organização tinha colocado a bandeira guarani na praça principal da comunidade de Ivo. Quem chegava percebia que o lugar estava em festa. As mulheres da comunidade tinham preparado a decoração do salão de festa, palanque. Apesar do clima descontraído decorrente do encontro entre as pessoas, os mais velhos, de modo geral, se apresentavam mais contidos e reflexivos. Para alguns destes, aquela situação tinha uma dimensão religiosa, lembrando-se de parentes próximos que foram mortos no massacre. Já para outros, tratava-se de um encontro para renovar as forças em busca da liberdade guarani, Terra sem Mal, *iva mareí*. Presente no evento, Nicolasa Callejas, gestora da *Escuela Tekove Katu*, considera que Kuruyuki é um grande encontro entre os guaranis, "(...) *es el momento en que los líderes pueden reunirse para discutir temas de interés de la Nación guaraní*", me disse em conversa.

Debaixo do intenso sol chaqueño, chegavam caravanas de pessoas que logo se posicionavam adiante do palanque. Entre os que conversavam de pé, instalaram tendas de exposição das cooperativas. Já outras pessoas destacavam cartazes, faixas e bandeiras. Fileiras de soldados do exército se posicionaram próximo ao descampado do palanque. Foi esta a mesma entidade que em 1892 massacrrou os guaranis naquela mesma região. Entretanto, agora os militares estavam em Ivo para prover a segurança dos chefes do Estado que estavam presentes. Discutirei este ponto mais à frente.

Caminhonetes 4x4 da APG estacionavam próximas às tendas para o descarrego de garrações com *chicha* para sanar a sede de aproximadamente mil pessoas que aguardavam para ouvir as lideranças guaranis e alguns convidados representantes do governo nacional.

Até o momento do almoço nenhum dos itens da programação impressa e assinada pelo presidente da APG tinha sido realizado. As pessoas criavam conjecturas, porém não se sabia das razões do atrasado dos discursos políticos no palanque, que até então não tinha nenhuma autoridade. Depois

de quase uma hora, fomos informados que os atos cívicos foram protelados para o dia seguinte, 28, em função da agenda do presidente Evo Morales, que aproveitaria Kuruyuki para inaugurar algumas instalações da Unibol que ainda estavam em construção.

O presidente Evo Morales fora convidado pela APG para estar em Ivo no dia 27 de janeiro para a comemoração de Kuruyuki. O público que estava na expectativa de ver o presidente naquele dia foi surpreendido por esse adiamento da visita para o dia seguinte, na segunda-feira. Naquele dia, Evo Morales foi para o encontro *Cumbre de los Pueblos*, reunião de representantes de movimentos sociais socialistas da América Latina e do Caribe, realizado em Santiago no Chile. Em Kuruyuki, a programação referente ao presidente foi remanejada para o dia seguinte. Dentre elas, a inauguração da Unibol e os discursos das lideranças guaranis. Em consequência, percebi a dispersão do público que acompanhava a comemoração. Algumas pessoas com quem conversei estavam descontentes com o remanejamento da programação, argumentavam que a festa é realizada em função do povo guarani, e não do presidente. Elas defendiam que todas as atividades seguissem normalmente no dia 27, sem o presidente.

A partir desse imprevisto foi possível perceber algumas das dissidências entre o movimento da nação guarani. Isso foi importante para perceber que a APG apresenta uma estrutura atomizada, de certo modo, e orientada por disputas e conflitos de interesses entre os subgrupos internos, como, por exemplo, as APG zonais ou polarizações entre capitães nas comunidades. Com isso, notei que existe uma representação idealizada da “comunidade”, de acordo com o movimento guarani. Esta discussão é oportuna, pois nos faz problematizar um dos principais dogmas em relação ao conceito de comunidade: sua pretensa coesão e unidade. Questionar essa perspectiva idealizada pode contribuir na elaboração de políticas públicas voltadas para esses grupos.

Uma das debilidades da atual APG Nacional, que promove Kuruyuki, é o fraco diálogo com as comunidades. A visão política das organizações indígenas nacionais ou regionais não é conhecida pela base. Diante disso, a circunstância com Morales constituiu grupos favoráveis e contrários à conduta da APG que, a partir deste fato, questionavam outras ações e programas da organização. Aqueles que estavam em desacordo aproveitam o ensejo para se queixarem da cumplicidade do presidente da APG com o presidente da República.

Com a notícia, muitas pessoas desanimaram de seguir com a programação do evento para a tarde, que previa uma caminhada até as trincheiras para homenagem aos mortos no massacre. Apenas cerca de 20 pessoas caminharam até o local. É de se considerar que muitas pessoas, tendo ou não simpatia pelo presidente, vão à comemoração com grande expectativa de vê-lo.

Na trincheira em Kuruyuki, os presentes formaram um círculo em que todos se viam. Na ocasião, agradeceram aos parentes guerreiros que morreram em nome do seu povo. Felipe Román, que tomava frente do momento, pediu que os líderes refletissem sobre a busca da Terra sem Mal. Foram recordadas as viagens que os guaranis fizeram entre as serras do Chaco.

Na verdade, apesar de existir uma programação oficial da APG com a distribuição das atividades da programação ao longo dos dois dias, na prática, os horários são mais livres, mesmo sem imprevistos. Durante o evento, nas poucas ruas de Ivo havia mais movimento que o habitual, além dos muitos carros e micro-ônibus. Algumas pessoas aproveitavam para montar suas barracas e vender artesanatos e comida: churrasco, empanada, sopas, *chicha*, batatas e milhos cozidos. Já outras famílias, aquelas residentes em Ivo, preparavam as mesmas coisas e serviam gratuitamente ao público. Paralelamente, outras barracas expunham livros, CDs, uma diversidade de produtos da APG e de cooperativas. Além disso, na ocasião, estavam expondo mel de abelhas de criação dos guaranis e os tecidos feitos por cooperativas de mulheres guaranis. Notava-se que as pessoas estavam dispersas em grupos de amigos, familiares, jovens, lideranças, mulheres: conversando, discutindo, planejando, prometendo, cantando, dançando, festejando. Kuruyuki constitui-se paralelamente uma festa cívica e outra descompromissada.

Depois de visitar o ossuário no cemitério com os restos mortais dos guerreiros do massacre, conheci os novos prédios da Unibol e voltei com Antonio para Camiri, uma vez que tínhamos de voltar no outro dia para os atos cívicos de Kuruyuki. Deve-se destacar que a maioria das pessoas foi embora sem pretensões de retornar no outro dia, até porque muitas não tinham condições, uma vez que não tinham transporte planejado para o ocorrido. Nessa comemoração as pessoas foram transportadas em micro-ônibus das prefeituras com recursos da APG e também de parcerias com *Teku* e CIPCA.

No dia seguinte, 29, a partir da mesma logística de transporte, Antonio e eu voltamos a Kuruyuki para assistir aos discursos políticos e à inauguração das instalações da Unibol. Estavam presentes no ato cívico as autoridades

zonais e municipais, lideradas pelo *mburuvicha guasu* de Ivo, o presidente da APG Nacional, Faustino Flores, o presidente do *Consejo de Capitanes de Chuquisaca* (CCCH), Celestino Rojas, o representante dos guaranis da Argentina, o prefeito de Macharetti, Reynaldo Maraz. Além do governador de Chuquisaca, Esteban Urquizo, os ministros Carlos Romero, Claudia Peña e Nemesia Achacollo e o presidente do Estado Plurinacional, Evo Morales.

Faustino Flores, em seu discurso, agradeceu a presença do presidente Evo Morales e demandou a ele a declaração de Kuruyuki como patrimônio histórico imaterial e feriado em memória dos indígenas das terras baixas. De modo geral, cobrou a implementação dos direitos garantidos na Constituição Política do Estado, principalmente seus pontos relativos à autonomia dos povos indígenas. Ademais, recordou os temas pendentes entre a plataforma da APG e o governo: o projeto de lei do marco de consulta, a lei agrária e a descentralização dos recursos do Fundo Indígena. Por outro lado, o presidente do CCCH aproveitou a oportunidade para convidar o presidente Morales para a comemoração da morte do guerreiro guarani Apiaguaiki Tumpa, no dia 29 de março, em Monteagudo, na província de Hernando Siles, Departamento de Chuquisaca, 98 km de Camiri.

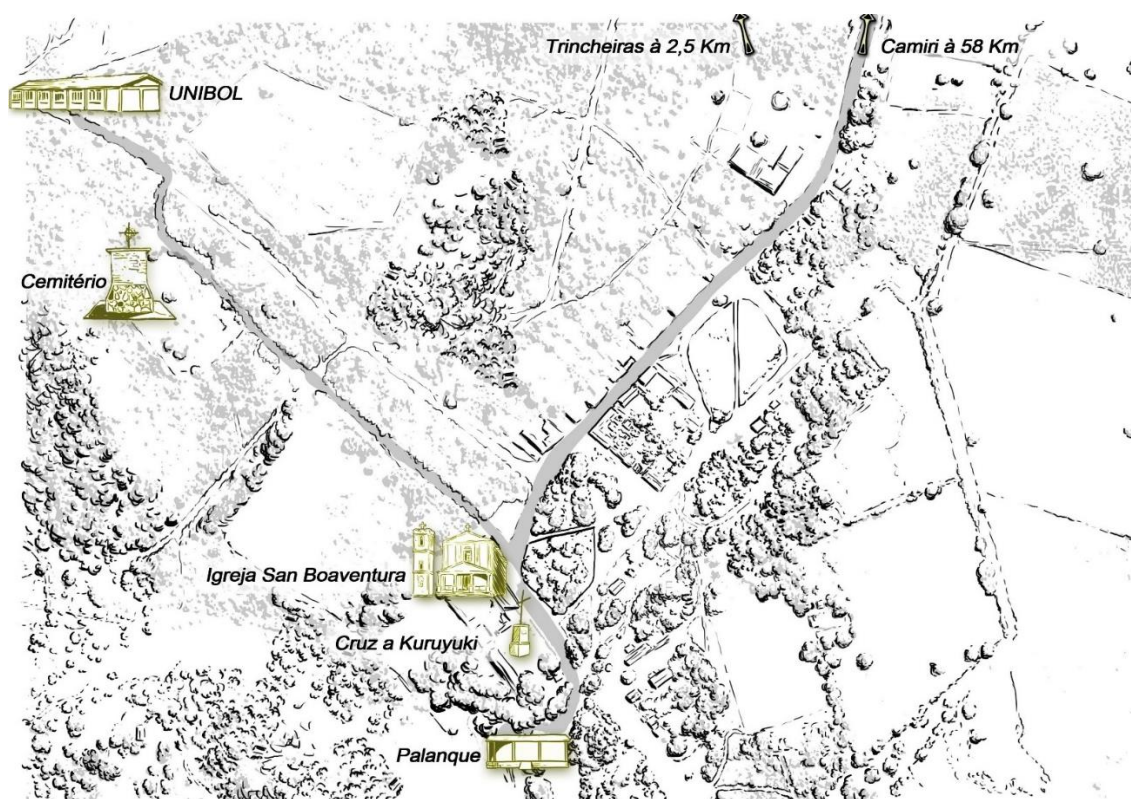
Depois do ato cívico de Kuruyuki, autoridades e o reduzido público caminharam aproximadamente 1 km até as novas instalações da Unibol. Trata-se de vários edifícios construídos, para sala de aula, laboratórios, salas administrativas, auditórios, biblioteca, banheiros e refeitório, porém ainda sem eletricidade, água ou qualquer mobília. Os recursos para a construção da universidade são oriundos do Programa *Bolivia Digna - Educación*, financiado por meio de projeto de cooperação internacional entre Holanda, Suécia, Dinamarca e Espanha, administrado pelo *Ministerio de Educación*. Trata-se de uma das conquistas do movimento guarani na Bolívia, que desde a implementação da EIB passaram a demandar políticas de educação superior. Fundada em agosto de 2008, funcionou em prédios alugados no centro da cidade de Machareti, apenas em janeiro de 2014 foi transferida para as novas instalações em Kuruyuki. Inclusive, a mudança oficial aconteceu na comemoração de 2014, oportunidade em que também foi empossada a nova diretiva da APG Nacional.

Os lugares de memória

A partir da primeira comemoração de Kuruyuki, a comunidade de mesmo nome e Ivo começaram a se constituírem enquanto espaço da memória do massacre. Nesse sentido, com o passar dos anos, foram (re)instalados cada vez mais equipamentos culturais em torno da comemoração. Pensando em Kuruyuki, a APG demandou no local desde palanque para as apresentações

até universidade. Assim, a memória do massacre é materializada na região por meio da(o): 1) revitalização de uma das trincheiras do massacre; 2) cruz em homenagem aos mortos no massacre, fincada na porta da *Iglesia San Boaventura*; 3) um ossuário na praça central do cemitério da comunidade; 4) terreno/pátio com palanque de concreto coberto; e 5) universidade indígena que leva o nome do líder do massacre, Apiaguaiki, a Unibol Guarani.

Representação da Comunidade de Ivo e seus principais espaços na comemoração de Kuruyuki



Fonte: Elaborada por Ciro Gonçalves.

Entendendo Kuruyuki como um ritual, uma de suas etapas consiste em um momento sagrado em uma das trincheiras “revitalizada” para a comemoração do massacre, conforme dito anteriormente. Esta foi estabelecida em 1992, poucos metros de onde, na mesma época, escavaram em busca dos ossos dos mortos. Consiste em um raso buraco no chão demarcado por um círculo formado por pedras de diferentes tamanhos. Debaixo de uma árvore, a área não tem vegetação, já que frequentemente há pessoas no lugar. A etapa desse ritual é conduzida por um sábio guarani, *iyaa pia*, que guia um momento de reflexão em prol dos espíritos dos guerreiros que morreram no enfrentamento. Felipe Román, por vários anos, se encarregou dos discursos nas trincheiras.

Depois das trincheiras, caminhando cerca de 200 metros, encontramos a área que escavaram, em 1992, em busca dos restos mortais dos guerreiros de Kuruyuki. Em campo, na comemoração de 2013, eu não conheci essa área, pois Antonio não me levou até lá. Conheci apenas no segundo campo, em setembro, quando Felipe Román me acompanhou em uma visita às comunidades de Kuruyuki e Ivo. A área da escavação coincidia com um grande buraco – resultado do frequente processo erosivo na região –, de modo que não se pode perceber de imediato que se trata de uma área escavada.

Felipe me disse que, a partir de 1990, no contexto de mobilização para a primeira comemoração e grande marcha, segmentos da igreja católica, ONGs como CIPCA e antropólogos iniciaram a assessorar os guaranis no empreendimento de escavação, que começou meses antes do evento comemorativo. Fêmures e outros ossos foram encontrados, colocados em urnas funerárias, levados para a Catedral de Camiri – *Iglesia San Francisco de Asís* –, em função de uma grande missa campal. Depois de abençoados, retornaram com os ossos para Ivo, onde foram depositados em um ossuário na praça central do cemitério da comunidade, feito especialmente para aquela ocasião, em janeiro de 1992.

Em conversa com o sociólogo guarani Milton Charangay, na época secretário de autonomias da APG Nacional, percebi que existem controvérsias sobre se os ossos figurados em Kuruyuki são de fato dos guerreiros indígenas do enfrentamento. Milton Charangay me disse, por exemplo, que não foi feito nenhum estudo com os materiais encontrados, não havia arqueólogos na empreitada. Além do mais, lembrou que os ossos podem ser de outros animais ou de humanos mortos no contexto da Guerra do Chaco. Segundo ele, durante essa guerra também houve conflitos e mortes na região. Explorar esta questão me demandaria um bom tempo na comunidade de Ivo e Kuruyuki, conversando com sábios e anciãos. Um estudo arqueológico na região pode ser esclarecedor.

A APG, em 1997, construiu em um descampado na comunidade um edifício de concreto, coberto com telhas de amianto, com duas partes: um salão (que estou chamando de palanque) aberto com vista para um grande campo com mais ou menos 100 m², descoberto e com poucas árvores ao redor, que recebe o público da comemoração. Ligado ao salão (palanque) existe um pequeno cômodo coberto e fechado, que serve de depósito e sala de reuniões. Cotidianamente, este edifício é utilizado para as atividades da APG comunal de Ivo (reuniões, cursos etc.), porém sua finalidade principal é ser palco anualmente da comemoração do massacre. Nas paredes do fundo do salão, de frente para todo o público do evento, existe a seguinte

frase pintada: *La lucha hoy no será más con arco y flecha, sino con pluma y papel.*

Na comunidade de Ivo, outra referência ao massacre é a cruz instalada na ocasião da comemoração de Kuruyuki de 1997. Na placa da cruz está inscrito que se trata de *homenaje a nuestros* [dos guaranis] *hermanos caídos en la masacre de Kuruyuki, en la defensa de nuestro* [dos guaranis] *territorio, cultura e identidad.* Esta cruz está fixada em frente à *Iglesia de San Buenaventura*, inaugurada também em 1992. Sua paróquia é vinculada ao *Vicariato Apostólico de Camiri.*

A universidade é outro espaço de alusão ao massacre no processo de construção da nação guaraní. A partir do Decreto Supremo 29664, do dia 2 de agosto de 2008, o presidente Evo Morales criou três universidades indígenas – Unibol: Aymara, Quechua e Guaraní y *Pueblos de Tierras Bajas* – como entidades comunitárias e interculturais de educação superior pública. A sede desta terceira Unibol localiza-se na comunidade de Ivo e recebe o nome do grande líder guaraní morto em decorrência de Kuruyuki: *Unibol Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas “Apiaguaiki Tüpa”.* Ela começou a funcionar provisoriamente, em 2008, no município de Macharetti, e só a partir de 2014 foi transferida para o *campus* recém-inaugurado em Ivo.

A universidade oferece graduação e certificados de técnico superior em Engenharia de Petróleo e Gás, Engenharia Florestal, Piscicultura, Medicina Veterinária e Zootecnia – todos com uma proposta intercultural. Além de levar o nome do grande guerreiro de Kuruyuki, o *campus* foi construído nos pés de uma serra, região do antigo povoado de Murukuyati, onde Apiaguaiki viveu com sua família e foi um dos poucos sobreviventes de um ataque a mando do fazendeiro Pedro Zárate, que matou sua mãe, deixando-o órfão.

Os símbolos de Kuruyuki e da “nação guaraní”

A comemoração de Kuruyuki é o momento em que os símbolos oficiais da nação guaraní são evidenciados, isto é, aqueles instituídos pela APG. Desde 1992, esta organização indígena investe na institucionalização de códigos nacionais. O Estatuto da *Autonomía Guaraní Charagua Iyambae* reconhece como seus símbolos a bandeira e o hino da Nação Guaraní, a frondosa árvore *toboroichi* (*Chorisia speciosa*), a flor de carnaval (*Habranthus Tubispathus*), o *guanaco* (*Lama guanicoe*), o *tacú y sumaniya* (uma espécie de pilão de madeira acompanhado de vaso do mesmo material), o *Avati* (milho – base da cultura alimentar guaraní) e o “trem da integração”. Bandeiras, hinos, músicas e artesanatos são eficazes marcadores identitários entre quaisquer

grupos sociais. Em Kuruyuki, os guaranis manipulam constantemente esses elementos.

Em uma das fases do ritual da comemoração é apresentado o hino à Kuruyuki, produzido pela *Escuela TekoveKatu*² especialmente para a comemoração de 1992. A partir de então passaram a proferir o hino nos anos seguintes. Em 2002, começaram a apresentar o canto da nação juntamente com a *Orquesta de Palmarito*, da mesma escola. Abaixo, a letra do *Himno a Kuruyuki*:

*Keretmba reta guaraní
oeya tatkuere yandeptape
oept vaera yande tvã
oeya ptape yeyora*

*Miles de heroes guaraní
dejaron sello al corazón
por defender su nación
en la trinchera libertad*

*Ñande mbaendua Kuruyukire
ngaraayema ñande amĩtã
ani ñandeaki yandeptape*

*Ejemplo en Kuruyuki está
nunca jamás se rendirá
no nos cansemos de marchar
la sangre vibra el corazón*

*Ñande ratã reta pe arakua
yande reko reta oyovake
metei rami motirore
jaeño tekove guaraní*

*Por nuestro hijos educación
por la cultura la igualdad
con el trabajo y la unidad
que viva siempre guaraní*

Como podemos perceber por meio da letra do hino, a luta pela sobrevivência entre os guaranis é apresentada como um processo contínuo que faz parte do modo de ser guarani, e inclui ser guerreiro. Resistiram até Kuruyuki, é o exemplo de enfrentamento, apesar da derrota. Na segunda estrofe, percebemos que a consciência nacional, construída a partir da memória do massacre, projeta uma sociedade mais justa. Em conversa com Damary Mendez, professora indígena em Camiri, fui informado que muitos adolescentes e crianças guaranis sabem a letra do hino. Ela me contou que em algumas escolas indígenas da região eles aprendem o hino, pois este consta no material didático produzido e distribuído pela *Teko Guarani* nas escolas indígenas da região. Em setembro, encontrei um pequeno cartaz com o hino na biblioteca da *Escuela Superior de Formación de Maestros Pluriétnica del Oriente y Chaco*, conhecida como *Escola Normal de Camiri*.

Além da dimensão cívica e política, Kuruyuki é uma festa, um evento com aspectos estéticos e recreativos. A música guarani, habitual no *Arete Guasu*,

²Localizada na cidade de Gutiérrez, nas margens da *Ruta 9*, entre Santa Cruz de la Sierra e Camiri, de onde partiu a marcha de 1992, que já mencionei.

também está presente na comemoração. Com diferentes melodias, são produzidas com instrumentos musicais próprios, como a *tambora*, a flauta e bombo. Durante o dia da comemoração, na comunidade de Ivo – em suas poucas ruas, na área do palanque ou próximo às barraquinhas de comida e artesanatos –, é comum ouvir os sons desses instrumentos. Estes servem como trilha sonora da festa, pois é comum vermos crianças, adolescentes e músicos profissionais tocando esses instrumentos durante todo o evento.

Dos agudos trinados da flauta guarani a música ganha a sensação de espaços amplos, do bombo e o tamborete a música obtém o clima de folia e cortejo. Similar às alegrias do pife (pífano) de bambu dos sertões nordestinos do Brasil, a ambiência chaquense da melodia impede a confusão geográfica: estamos entre os guaranis na Bolívia. Ademais do som da música, grandes alto-falantes emolduravam a cena em Ivo, chiando e travando enquanto o mestre de cerimônias aquecia e testava o microfone ou quando alguém discursava.

Os guaraniólogos clássicos, a exemplo, Cadogan (1992), perceberam o papel da música na cultura guarani, tanto que fizeram parte de seus estudos os cantos guaranis. Ademais, música e dança na cultura guarani estão diretamente relacionadas com o *Arete Guasu*, a festa grande. Assim como em Kuruyuki, essa festa é caracterizada como um espaço de reciprocidade, solidariedade e de unidade social. Recordar o passado e reencontrar-se com a alma de parentes falecidos, sobretudo anciãos, é um dos objetivos do *Arete Guasu*. O mesmo acontece nas comemorações de Kuruyuki, em especial, o momento de reflexão nas trincheiras.

Nas festas guaranis, seja na comemoração do massacre ou na *Arete Guasu*, a *chicha* de milho e o trabalho para seu preparo são motivações para constantes trocas. O consumo da *chicha*, durante as festas ou na vida cotidiana, além de signifiante, serve de mediação no sistema de prestações recíprocas, que está longe dos benefícios econômicos monetários.

Os recursos para organização das comemorações são escassos, todavia as capitâncias, juntamente com a APG Nacional, se desdobram a fim de angariar: transporte até Ivo, suporte para as apresentações culturais e discursos, alimentação, além da *chicha*. Estas questões são viabilizadas a partir de parcerias com prefeituras, CIPCA, *Teko Guarani*, CEPOG, Igreja Católica e comunidades.

A bandeira da nação guarani foi criada em 2006 pela *Asamblea del Pueblo Guaraní*. Ela possui três cores: cor “café”, que representa terra e território; verde, que representa os componentes da natureza; e o azul, que significa o

céu e o ar. Terra, natureza e ar: para os guaranis, ninguém pode viver sem eles. A partir de então, começaram a exibir a bandeira guarani em eventos, marchas e, sobretudo, na comemoração de Kuruyuki. Ademais, atualmente, a marca visual da bandeira é usada como marca d'água em documentos expedidos pela APG Nacional.

Para além de Ivo e Kuruyuki, referências ao massacre de uma nação guerreira foram construídas. Na cidade de Santa Cruz de la Sierra existe uma estátua do Apiaguaiki na rotatória do *Segundo Anillo*, próximo a *Via La Guardia*. Em Camiri, a estátua é imponente, o guerreiro com uma flecha em posição de ataque. Localiza-se na *Avenida Petrolera com 24 de Septiembre* e foi inaugurada no dia 7 de novembro de 1987.

As autoridades políticas presentes na comemoração

A comemoração de Kuruyuki representa um dos poucos momentos em que as lideranças guaranis de diferentes capitânicas conseguem se encontrar e tornar-se visível para os *karai* e o público guarani de modo geral. A cada ano o evento ganhou mais significado e divulgação entre as pessoas da província da região. Ademais, o evento promove a presença de grandes autoridades políticas, incluindo os presidentes da República Jaime Paz Zaroma (em 1992) e Gonzalo Sánchez de Lozada (em 1994), representantes do MAS (em 2005) e o presidente Evo Morales (em 2008, 2009, 2012, 2013, 2014).

Com a presença das personalidades estatais na comemoração em Ivo, torna-se necessário, segundo a lógica do Estado, a participação das forças militares para garantir a segurança dessas autoridades. A partir de fotos das comemorações anteriores e de 2013, veem-se filas de soldados, alguns armados, que formam uma barreira próxima aos convidados ilustres. No entanto, isso compõe um cenário que se mostra aparentemente contraditório, já que fora o próprio Exército republicano que massacrrou, no mesmo local, os guaranis no fim do século XIX. Todavia, este paradoxo é compreensível, uma vez que os guaranis atuais traduzem/ressignificam a relação conflitiva com essa instituição em termos de articulação, em que suas próprias ações são ressignificadas. A atual presença amigável do Exército em Kuruyuki denota uma metafórica conquista guarani, por meio do diálogo com as forças estatais.

Em relação à organização indígena, as comemorações de Kuruyuki também são apresentadas como cerimônias inaugurais nas quais as novas lideranças e as autoridades políticas eleitas prestam seus juramentos a cada evento. Representam um dos poucos momentos no ano em que a

realidade coletiva do processo de nação guaraní é visibilizado às audiências *karaí* e guaraní de modo geral. Enquanto espaço da política, Kuruyuki é um momento de diálogo interétnico público e também de encontro das bases, bem como de autorrepresentação coletiva e como os guaranis falam de seu passado.

De acordo com antropólogo estadunidense Bret Gustafson (2009), muitos *karaí* temem que a mobilização dos guaranis seja precursora da violência, da desordem. Contudo, ao atermos a essas mobilizações, percebemos que os guaranis performatizam ordem e nacionalismo – no sentido amplo – e lealdade. A comemoração de Kuruyuki reconhece o poder (militar, religioso, civil e a ONG) a partir do convite e da presença do Exército, da Igreja Católica e das ONGs – entidades com profunda relação histórica com os guaranis.

Além disso, é importante considerar que os guaranis, a partir da APG, também modificaram suas próprias reivindicações ao longo das comemorações, dando voz a interesses compartilhados, algumas vezes, com os *karaí*, especialmente em relação ao sentimento regionalista do Chaco, que, de certa maneira, une os guaranis aos não indígenas.

Os intelectuais da “nação guaraní”

Na Guatemala, Warren (2010) observou que a presença de intelectuais públicos maias na defesa de seus interesses coletivos representa uma transformação nesse movimento indígena. A partir do processo colonial, os intelectuais tradicionais, isto é, aqueles preocupados com as dimensões religiosas, xamânicas, concentraram seus esforços na construção de espaço morais para a celebração da conexão dos indivíduos com sua comunidade, seus ancestrais e sua religião indígena. Entre os guaranis na Bolívia, esse momento de comunicação das lideranças atuais com seus guerreiros ancestrais, mortos no massacre, ocorre em Kuruyuki durante o ritual nas trincheiras. Assim, mesmo na atualidade, esse é um dos papéis do intelectual guaraní, conhecido como *arakuaa iya*, que significa sábio, em guaraní.

Todavia, em interação com as agências da colonização, fazendeiros, ONGs etc., com os jesuítas que fomentavam as formações de lideranças políticas, os intelectuais tradicionais começam a desenvolver uma visão de mundo compartilhada, transitando entre o mundo indígena e o *karaí*, no caso dos guaranis. Na região do Chaco, a partir de 1970, muitos sábios e lideranças guaranis se instrumentalizavam em espanhol e, na educação formal de modo geral, por meio da formação religiosa ocidental, seja católica ou neopentecostal. Acompanhando a história de vida de Antonio Mendez, Elio

Ortiz, Elias Caurey e Felipe Román, meus quatro principais interlocutores e que são considerados intelectuais guaranis³, noto que todos tiveram a oportunidade de estudar a partir da formação teológica.

Atualmente, os intelectuais indígenas não atuam apenas na dimensão tradicional, no elo entre os ancestrais e o presente. O número crescente de lideranças com considerável conhecimento sobre a cultura de seu povo e dos seus direitos indígenas conforma os chamados intelectuais públicos, isto é, aqueles que se envolvem em lutas locais em defesa de seu povo. Outra característica dos intelectuais públicos é que frequentemente inspiram os líderes a trabalhar pelo ressurgimento cultural em diversas comunidades. (WARREN, 2010).

Tanto Felipe Román, 65 anos e Antonio Mendez, 72, quanto Elio Ortiz, 46 e Elias Caurey, 37, trabalham profissionalmente com a cultura guarani. Além de traduções e livros de EIB, frequentemente produzem textos escolares e materiais de treinamento de professores, sobretudo, para formação de profissionais interculturais. Ademais, principalmente Felipe Román, têm trabalhado bastante na produção programas radiofônicos em guarani.

Outra dimensão importante dos intelectuais públicos indígenas é que eles têm importante papel na divulgação da *cultura guarani* no seu processo de construção nacional. Eles frequentam convenções, reuniões nacionais e até internacionais, espaços locais de discussão da política. Elio Ortiz e Felipe Román recentemente estrearam no cinema nacional boliviano, interpretando dois personagens guaranis em contato com um *karai*, representado pelo próprio diretor do filme, o paceño Juan Carlos Valdivia. Trata-se do filme *Yvy maraey - Tierra sin Mal*⁴, seu tema principal é a interculturalidade, renova um diálogo da cultura ocidental com as culturas indígenas. O filme aposta em um novo indigenismo na Bolívia, em que o cinema propõe uma nova forma de pensar, ver e falar com o indígena nesse país. Antropologicamente, esta perspectiva valoriza as agencialidades indígenas, destaca iniciativas e valorizações guaranis na relação com o *karai*. O massacre de Kuruyuki é abordado no filme, inclusive, cinco anos antes da estreia do filme, Valdivia procurou Ortiz com a ideia original de reconstituir cinematograficamente o massacre.

Além de atuarem como atores, Ortiz e Román também atuaram na produção do filme. O primeiro escreveu o filme junto com Valdivia, era um consultor da cultura guarani, já que esse filme trata desse povo. Já Román trabalhou na produção local nas gravações nas comunidades, no recrutamento de

³ Considerados por eles próprios e pelas pessoas com quem trabalham.

⁴ Link para o trailer. <<http://www.youtube.com/watch?v=wmb5BDLb1vA>>.

outros atores e na organização da estreia do filme, quando eu estava presente em Camiri. Na ocasião fomos até a comunidade de Ivo e Kuruyuki conversar com os capitães das comunidades para negociar a estreia do filme, com exibição no espaço público em frente à *Iglesia San Buenaventura*, onde está a cruz em homenagem a Kuruyuki. A estreia do filme aconteceu no dia 12 de outubro, quando se comemora o *Día de la Descolonización en el Estado Plurinacional de Bolivia*⁵.

A partir da exibição do filme em festivais, os intelectuais públicos da nação guarani Ortiz e Román começam a conceber entrevista para os meios de comunicação locais e a viajar em razão da exibição do filme em festivais. Desde sua estreia o filme foi já premiado como: Melhor Desenho de Som (*35º Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de la Habana*); exibição no *Festival Internacional de Cine de Mar del Plata* (Argentina) e na quarta edição do *Festival Pachamama - Cinema da Triple Frontera* (Rio Branco, Acre). Foi exibido também no dia 16 de outubro no *I Colóquio do LAEPI*, em Brasília. Esses são momentos da divulgação internacional da cultura guarani para o exterior por meio dos seus intelectuais.

Felipe Román nasceu na comunidade de Kaipepe no município de Charagua, e apresenta muita vitalidade e disposição em intervir em favor do seu povo e, sobretudo, em pesquisar sobre a cultura guarani e sua interculturalidade. Juntamente com outras lideranças guaranis bolivianas, já fez viagens a comunidades guaranis no Paraguai e no norte argentino para “assessorar” organizações e realizar curas. Román, assim como a maioria dos sábios guaranis, tem forte capacidade de influência nas comunidades, apresentando consolidado diálogo com os guaranis de modo geral.

Elio Ortiz, além da formação de liderança comunitária a partir da Igreja Católica, graduou-se em comunicação em Santa Cruz de la Sierra e, quando faleceu no dia primeiro de agosto, estava prestes a concluir uma graduação em antropologia em Cochabamba. Elias Caurey, por sua vez, é sociólogo e antropólogo de formação. Todos eles possuem muitas publicações sobre a nação guarani. Um dos últimos livros de Caurey leva o seguinte título: *Nación Guaraní. Ñamae Ñande Rekore: Una mirada a nuestro modo de ser (ensayos socio-antropológicos)*, 2013.

Além das publicações, do filme, da atuação na promoção do ressurgimento cultural e na divulgação da cultura guarani a partir de encontros, reuniões, entrevistas, os intelectuais públicos, no processo de construção da nação

⁵O presidente Evo Morales Ayma promulgou a partir do Decreto Supremo de 12 de outubro de 2011.

guarani, também atuam na administração pública do Estado Plurinacional ou em iniciativas da sociedade civil. Caurey é consultor na *Coordinadora Nacional Comunitaria dos Consejos Educativos de Pueblos Originarios* (CEPOS), em La Paz, responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de políticas educativas interculturais e plurilíngue. Em seu ofício, trabalha com assessoria e consultoria da cultura guarani. Assim como Ortiz, quando em 2009 e 2010 esteve como coordenador de projetos sobre justiça indígena nas terras baixas no *Viceministerio de Justicia Indígena Originario Campesina*, também em La Paz. Em consequência desse trabalho, Ortiz produziu e publicou uma das principais referências sobre justiça comunitária na Bolívia: *Justicia Comunitaria Guaraní* (2009), também em coautoria com Caurey.

Por sua vez, Antonio Mendez atuou como consultor na elaboração do *Diccionario etimológico y etnográfico de la lengua guaraní hablada en Bolivia (Guaraní-Español)*, de 2011, também de autoria de Ortiz e Caurey. Mendez, originalmente, é de Isoso, porém, atualmente, vive na cidade de Camiri, para onde migrou, segundo ele, para dar oportunidade de estudo para suas duas filhas, que, atualmente, são professoras indígenas. Em Camiri, Mendez criou a *Fundación Yeporaka - Centro de Investigación Antropológica Guaraní* (que funciona em um cômodo da sua casa), já desenvolveu projetos de desenvolvimento produtivo em comunidade, prestou assessoria em pesquisas, inclusive já acompanhou o trabalho de campo de vários cientistas sociais em Território Guarani. Na época do trabalho de campo, Mendez estava debilitado com diabetes mesmo assim mantém uma biblioteca e arquivos na instituição.

Em relação à comemoração de Kuruyuki, em geral, os *arakuaa iya*⁶ Román e Mendez participam de forma diferente dos outros dois intelectuais mais jovens, Ortiz e Caurey. Os dois primeiros, como já sinalizei, atuam na etapa do ritual nas trincheiras, quando religiosamente os *arakuaa iya* guiam os presentes a uma dimensão para interação com forças espirituais dos guerreiros massacrados, que, segundo Román, revitaliza a luta política da nação guarani. Já Ortiz e Caurey recebem as autoridades políticas, as lideranças comunitárias e os convidados da sociedade civil. De uma forma geral, todos eles se envolveram na organização do evento, sobretudo nas primeiras edições.

A implicação metodológica de fazer trabalho de campo entre os intelectuais indígenas é saber lidar com “informantes informados”, ou seja, interlocutores que apresentam uma perspectiva nativa da própria cultura,

⁶ Sábios.

mas também conhecem relativamente a literatura histórica e antropológica sobre sua nação. Assim, em conversas ou entrevistas com essas pessoas, é comum eles citarem fontes e autores dos argumentos, referenciando documentos, artigos, livros etc. Ademais, sobre o perfil dos intelectuais públicos indígenas, conforme destacou Warren (2010), em geral, eles apresentam grande capital cultural – fluência no idioma nativo e do Estado, conhecimento de informática, espiritualidade indígena –, porém a maioria vive em circunstâncias econômicas modestas, com reduzido capital econômico.

Por fim, é importante destacar que a nação guarani tem outros intelectuais, a discussão neste trabalho se deu em torno dos quatro já citados, pois foi a partir deles que estabeleci minha experiência etnográfica.

A Educação como projeto principal da “nação guarani”?

O tema da educação intercultural indígena é bastante debatido entre os guaranis. Na Bolívia, essa pauta se constituiu a partir da década de 1980 entre os guaranis, sendo estes vanguardistas no país em relação à luta pelos programas de *Educación Intercultural Bilingüe* (EIB). Nessa ocasião, “ponen en marcha el plan de alfabetización para adultos en toda la región guarani”, no entanto, a APG, desde 1989, já vinha implementando uma tímida educação com perspectiva de intermediação entre educação regular e uma alternativa.

A partir desse contexto, a frase *La lucha hoy no será más con arco y flecha, sino con pluma y papel*, do movimento indígena guarani, foi bastante difundida, conformando uma espécie de chavão etnopolítico guarani. Além de ter sido difundida em várias publicações didáticas produzidas pela *Teko Guarani*, a referida frase aparece em cartazes fotografados na Marcha de 1992, bem como em outras comemorações.

O tema da educação guarani na Bolívia está diretamente relacionado com a atuação da *Teko Guarani*. Esta é uma organização não governamental vinculada à APG, constituída em 1988, com sede em Camiri, preocupada com a educação e comunicação indígena. Ela produz materiais didáticos bilíngues, sistematiza e arquiva parte dos documentos da APG. Por sua vez, a *Teko* tem uma unidade de comunicação, que assessora as estratégias institucionais por meio da produção e difusão de programas radiofônicos emitidos pela emissora local (Rádio Parapetí), departamental (em convênio com a Rádio Santa Cruz) e na esfera nacional pela *Red de Educación Radiofónica de Bolivia* (ERBOL).

Ao mesmo tempo em que o movimento guarani se diferencia negando a cultura *karai*, ele reconhece que é necessário se instrumentalizar com o idioma europeu e optar por lutar por demandas de alfabetização, de educação intercultural bilíngue e, mais recentemente, por educação superior intercultural indígena. A partir da experiência etnográfica na comunidade escolar de Itanambikua, pude perceber, a partir da minha compreensão das razões pelas quais os pais mandavam suas crianças para minhas aulas de reforço, no contra horário das aulas regulares, que existe um incentivo, por parte deles e dos avós, para que os filhos estudem. Nesse contexto, escutei, por exemplo, frases como: “hijo mío debes estudiar y ser profesional, para que no seas como yo”.

Nesse sentido, a educação tem o propósito de construir sujeitos intermediários, interculturais. A ideia é que, com a educação, os sujeitos possam decidir por eles mesmos, ser autônomos, defender seus direitos. Diante disso, podemos entender que o novo guerreiro guarani é aquele que estuda, adquire uma profissão e, idealmente, luta pela revitalização da sua cultura e melhoria da qualidade de vida nas comunidades. Isso é confirmado pela frase que citei antes: “a luta atual não é mais com arco e flecha, mas sim com papel e caneta”. A valorização da educação como instrumento de emancipação é a nova estratégia (de guerra) da nação guarani para promoção da justiça e desenvolvimento da nação.

Considerações finais

Este artigo discutiu o processo de construção da nação guarani a partir da situação social específica promovida com a comemoração do massacre do Kuruyuki, evento gerenciado pela *Asamblea del Pueblo Guaraní* (APG). A partir de pesquisa para dissertação de mestrado, conclui que essa organização indígena articula ideologicamente o discurso de nação guarani, reconstruindo uma identificação coletiva que permite maior presença diante do Estado e das agências internacionais.

O processo de construção da nação guarani não aparenta querer conquistar o poder do Estado, mas sim construir um poder local autônomo e desenvolver uma consciência política de filiação étnica a fim de constituir uma unidade guarani. A tomada de consciência, em termos nacionais, não se refere a uma estatização, como salientei, mas sim à fundação de entidades territoriais autônomas de acordo com normas e procedimentos próprios. Inclusive, a APG surgiu com o objetivo de reconstituição territorial. A partir da recente constitucionalização da autonomia indígena na Bolívia, essa organização indígena passou a ver o discurso de autonomia

indígena como opção para garantia do território guarani ancestralmente ocupado.

Além disso, o trabalho sinaliza que o projeto nacional guarani é construído a partir de um ponto de vista particular ao eleger símbolos específicos para representar a nação. Por outro lado, o processo exclui aqueles que não se parecem com o modelo proposto, mostrando-se parcial e interessado. Kuruyuki se apresenta como uma instituição guarani polissêmica, manipulável e capaz de recobrir motivações muito diferentes.

A comemoração do massacre de Kuruyuki é um instrumento na constituição guarani de uma comunidade imaginada e na articulação de ações políticas autonomistas, além disso, a celebração possibilita configurar novos vínculos interinstitucionais, inter-organizacionais e político-culturais com outras organizações, bem como construir uma multiplicidade de atores e espaços culturais.

Longe de serem inermes vítimas, habitualmente assim retratados pelos livros de história escolar e pela mídia, os indígenas, sobretudo os guaranis, desenvolveram estratégias próprias que visavam não apenas à sobrevivência, mas, também, à permanente reconstrução de sua identidade e de seu modo de ser, diante das condições de destrutibilidade colonial. Kuruyuki nos permite, em uma perspectiva diacrônica, perceber os processos de reorganização cultural a partir da apropriação da memória da ruptura do grupo social, observando, sobretudo, o envolvimento dos diferentes atores guaranis na consolidação de uma agenda comemorativa de um massacre cometido pelo Estado sobre os indígenas. As memórias do fato histórico apropriado descortinam no presente diferentes significados para os atores sociais que disputam a representação dos eventos pretéritos. Nesse sentido, o tempo não é apenas físico, marcado pelo calendário. O tempo é, sobretudo, social. O desenrolar deste evidencia mudanças nas relações sociais que se decidem politicamente celebrar.

O processo em curso de afirmação nacional guarani, compreendido como a construção de uma expressão para articulação e visibilidade na esfera nacional boliviana e internacional, bem como as bases do movimento, mostram que os indígenas desempenham papel ativo diante das imposições coloniais e republicanas. Esta perspectiva defende que as relações entre indígenas e europeus são pautadas em uma interação com mudanças sociais e culturais nas duas partes. Também, desconstrói a percepção de que a colonização aniquila todos os aspectos culturais dos povos dominados, tornando-se assimilados. Nesse sentido, este trabalho exemplifica, a partir da situação social específica da comemoração de

Kuruyuki entre guaranis, que os povos indígenas também apresentam agencialidade frente à invasão europeia e neoboliviana. Eles não se comportam como entidades passivas que só recebiam as transformações impostas. Cada especificidade desse contato teve repercussões que afetaram intensamente a produção e reprodução simbólica e material dos indígenas. Dentre essas repercussões, este trabalho mostrou a criatividade dos guaranis em instituir a comemoração de um massacre ocorrido no fim do século XIX como produção cultural de um movimento com demandas específicas. Considerando também a importância dos agentes externos, o debate evidencia a agencialidade indígena, indicando como estes atuaram e continuam a atuar na construção da sua própria história e na projeção no futuro. Certamente, esta não é uma ideia nova nas Ciências Sociais, mas espero que eu tenha endossado o enfoque ao escrever sobre como os indígenas tomam consciência de sua etnicidade, em termos nacionais, a partir de uma experiência bélica.

Por fim, podemos considerar, a partir de Albert (2002), que as sociedades indígenas, desde que consigam sobreviver às ofensivas das forças coloniais e dos atuais Estados nacionais, não deixam de imprimir e reelaborar em suas próprias categorias culturais tudo o que é imposto a elas, até mesmo em condições de extrema violência e abusos, como é o caso do massacre de Kuruyuki, que agora é ressignificado e comemorado.

Referências Bibliográficas

ALBERT, Bruce. Introdução: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. In: _____; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Imprensa Oficina do Estado, 2002.

ALBÓ, Xavier. *Movimientos y poder indígena en Bolivia, Perú y Ecuador*. La Paz: Ed. CIPCA, 2009.

ANDRADE, Wildes Souza. A construção da nação guarani pela Asamblea del Pueblo Guaraní a partir da comemoração do massacre de Kuruyuki. 2014. xiv, 115 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ASAMBLEA DEL PUEBLO GUARANI. *Programa: En homenaje a los 120 años de la Masacre de Kuruyuki (1892-2012)*. Camiri, 2012.

CADOGAN, Leon. *Ayvu rapyta*. Textos míticos de los Mbya-Guaraní del Guairá. Asunción: Ceaduc/Cepag. Biblioteca Paraguaya de Antropología. Vol. XVI, Fundación Leon Cadogan, 1992.

COMBÈS, Isabelle. Las Batallas de Kuruyuiki: Variciones sobre una derrota chiriguana. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 34 (2), 2005a.

_____. *Etno-historias del Isoso: Chane y chiriguanos en el Chaco Boliviano (Siglos XVI a XX)*. La Paz: Fundación PIEB: IFEA, 2005b.

_____; VILLAR, Diego. Os mestiços mais puros. Representações chiriguano e chané da mestiçagem. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2007.

GUSTAFSON, Bret. *New Languages of the State: Indigenous Resurgence and the Politics of Knowledge in Bolivia*. Durham: Duke University Press, 2009.

LINERA, Álvaro García. *A potência plebéia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. Tradução de Mouzar Benedito e Igor Ojeda. São Paulo: Boitempo; Buenos Aires: CLACSO, 2010.

MELIÁ, Bartomeu. *El Paraguay Inventado*. CEPAG, Asunción, 1997.

_____. *Los Guaraní-Chiriguano. Ñande Rekó, nuestro modo de ser*. La Paz, CIPCA, 1988.

MÉTRAUX, Alfred. El origen del sol y la luna según la mitología chiriguana.

Physis. Revista de la sociedad Argentina de Ciencias Naturales, Buenos Aires, n. 10, p. 187-192, 1939.

MINISTERIO DE LA PRESIDENCIA DE BOLÍVIA. *Hacia la erradicación de la servidumbre y el trabajo forzoso en el Chaco y la Amazonía boliviana*. La Paz: Estado Plurinacional de Bolivia. 2010.

MORÓN, Mauro Hurtado. *Ser Ser libre no es fácil, pero vale la pena: reasentamientos de familias guaraníes en el Chaco chuquisaqueño, 1993-1997*. La Paz: CIPCA. 2008.

PIFARRE, Francisco. Guaraní: el derecho a ser pueblo. *Cuarto Intermedio*, n. 23. p. 3-19, 1992.

WARREN, Kay. Os movimentos indígenas como um desafio ao paradigma do movimento social unificado na Guatemala. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 257-299.